

Ciência e Tecnologia

Mata Atlântica mais ameaçada

FOTOS: AGÊNCIA O GLOBO

Pesquisa mostra que a caça a aves e redução da vegetação afetam espécies que evitariam um colapso da floresta

RIO

A caça a aves como tucanos e arapongas acelera a perda de diversidade da Mata Atlântica. As flores deixam de ser polinizadas e as sementes, além de dispersas em uma área mais restrita, ficam cada vez menores, e com menor potencial de germinação.

O diagnóstico, publicado hoje na revista Science, é de um grupo de cientistas da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal de Goiás (UFG), com a colaboração de institutos de pesquisa da Espanha e do México.

O estudo foi feito em 22 áreas de Mata Atlântica entre o Sul da Bahia e Foz do Iguaçu, no Paraná. Das áreas remanescentes do bioma em todo o País, 80% estão em pequenos fragmentos.

No século XIX, a floresta foi afetada pela extração de madeira e por culturas de café e cana-de-açúcar. Grandes animais que se alimentam de frutos, como antas, macacos e tucanos, não sobreviveram. Regiões tomadas por palmeiras não regeneraram a vegetação.

No mesmo período, houve uma mudança evolutiva nas características das plantas, principalmente a diminuição de suas sementes.

Os pesquisadores compararam a população de palmeiras das áreas estudadas e analisaram o DNA das plantas. “Por esta análise, descobrimos que a redução das sementes está relacionada à caça. A perseguição a espécies que se alimentam de sementes é muito mais importante do que a demografia”, explica Mauro Galetti, líder do grupo de estudo e professor da Unesp.

Os tucanos mereceram atenção especial, por serem uma das poucas espécies que se nutrem de grandes sementes. Pequenas regiões florestais não têm uma quantidade suficiente de sementes para nutrir estas aves.

Na falta deles, as sementes das palmeiras caem e não germinam, por não ter quem retire sua polpa. “Se fossem mortas todas as aves que se alimentam de frutas de uma região, as sementes de palmeiras de lá perderiam tamanho entre 50 e 75 anos”, alerta Galetti.

Os mesmos marcadores genéticos confirmaram que as sementes começaram a perder tamanho há cerca de 200 anos – o período em que a colonização da Mata Atlântica tornou-se mais intensa.

Entre as aves adaptadas a regiões degradadas estão os sabiás, que comem sementes bastante pequenas. Algumas espécies estão extintas após ações humanas.

“Descobrimos que a redução das sementes está relacionada à caça”

Mauro Galetti, pesquisador



TUCANO-DE-BICO-PRETO e Jacutinga: aves polinizadoras da floresta já estão extintas em algumas regiões

Ação humana acelera a extinção

As mudanças climáticas devem contribuir para a degeneração dos ecossistemas sobreviventes, mas a ação humana também acelera o processo de extinção.

Segundo prognósticos, as regiões da Mata Atlântica podem sofrer, nas próximas décadas, longos períodos de estiagem. As sementes, já pequenas, ficarão ressecadas com menor poder de germinação.

Biólogos acreditam que a extinção de uma espécie pode demorar até 1 milhão de anos. Mas a ciência já sabe que outras passariam por este processo mais lentamente, como bactérias e mosquitos.

O estudo de Mauro Galetti, líder do grupo de estudo e professor da Unesp, confirma como a interferência humana pode ser uma pá de cal na sobrevivência de diversos

seres vivos. O homem poderia acelerar a extinção de outras espécies em até 100 vezes.

“Há um grande risco de desaparecimento de árvores tropicais, já que elas dependem dos animais para dispersar suas sementes”, disse o professor. Ele afirma que o estudo não aponta uma situação isolada e diz que mesmo fenômeno pode ocorrer na Amazônia.